

A (des)construção do imaginário que cerca o fazer jornalístico no percurso formativo de estudantes de Jornalismo da UESB

The (des)construction of the imaginary that surrounds the journalism in the formative path of Journalism students of UESB

La (des)construcción del imaginario que rodea el hacer periodístico en el recorrido formativo de estudiantes de Periodismo de la UESB

Recebido em: 03/06/2019

Aceito em: 20/08/2019

RESUMO

O presente artigo busca identificar a forma com que estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) veem e compreendem o fazer jornalístico e o seu campo profissional ao longo dos seus percursos formativos, considerando o imaginário social que cerca a profissão. A partir disso, intenta-se, ainda, perceber como essa visão é (re)construída e o papel das experiências de formação nesse processo. Este estudo parte de um projeto maior intitulado *A travessia da formação em Jornalismo: narrativas de vida e experiência em curso*, uma pesquisa-formação heterobiográfica construída com e a partir do método (auto)biográfico. Como plano de fundo filosófico, têm-se as hermenêuticas filosóficas gadamerianas. E as teorias das narrativas de história de vida como dispositivos de formação norteiam as discussões teórico-metodológicas.

PALAVRAS-CHAVE

Formação. Imaginário. Jornalismo. Narrativas de formação.

ABSTRACT

This article aims to identify the way in which Journalism's students from the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) look and understand journalism and their professional field along their formative paths, considering the imaginary that surrounds the profession. From this, it is also tried to understand how this view is (re)constructed and the role of formation experiences in this process. This study is part of a larger project entitled *The Journalism formation crossing: life narratives and in course experience*, a heterobiographic research-formation built with and from the (auto)biographical method. As a philosophical background, there are the Gadamerian philosophical hermeneutics. And the theories of life history narratives as formation devices guide the theoretical-methodological discussions.

KEYWORDS

Formation. Imaginary. Journalism. Formation narratives.

RESUMEN

El presente artículo busca identificar la forma con que estudiantes del curso de Periodismo de la Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) miran y comprenden el hacer periodístico y su campo profesional a lo largo de sus recorridos formativos, considerando el imaginario social que rodea la profesión. A partir de eso, se intenta, aún, percibir cómo esa visión es (re)construida y el papel de las experiencias de formación en ese proceso. Este estudio parte de un proyecto mayor titulado *La travesía de la formación en Periodismo: narrativas de vida e experiencia en curso*, una investigación-formación heterobiográfica construida con y desde el método (auto)biográfico. Como fondo filosófico, se tienen las hermenéuticas filosóficas gadamerianas. Y las teorías de las narrativas de historia de vida como dispositivos de formación orientan las discusiones teórico-metodológicas.

PALABRAS CLAVE

Formación. Imaginario. Periodismo. Narraciones de formación.

Afonso Ribas Moreira

Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

afonsoribass@gmail.com

Élica Luiza Paiva

Doutora em Educação e professora assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

paivaelica@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Afinal, o que é jornalismo? O que caracteriza o fazer jornalístico? E o que torna determinado indivíduo um jornalista? Nelson Traquina (2012) arrisca-se a dizer que é absurdo imaginar que possamos definir o jornalismo numa frase ou até mesmo num livro. Outros autores, ao contrário, delimitam o seu conceito em não mais do que três linhas, como é o caso de Koszyk e Pruys (1976 apud KUNCZIK, 2002, p. 16), que definem o jornalismo como “a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias; ou que comentam os fatos do momento”. Seria o suficiente?

A escolha (e também a não escolha) pela carreira jornalística é feita com base nos diversos discursos que cercam a profissão, com os quais o aluno tem contato, geralmente, antes do início da sua formação acadêmico-profissional. Assim, esses discursos fazem parte do que Hans George Gadamer (1997) concebe como tradição, que, de acordo com o autor, abarca todo o conjunto de ideias anteriores ou preconceitos que temos acerca das coisas, do mundo, do Outro e de nós mesmos. A grande maioria desses discursos, em suma, é calcada no senso comum, sobretudo naquilo que se tornou convencional, social e historicamente, acerca da atuação profissional do jornalista. Além disso, não deixam de ser resultados da própria ação jornalística representada nas diversas mídias.

Nesse sentido, buscamos identificar, com e a partir deste trabalho, como estudantes e egressos do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) compreendiam o fazer jornalístico antes do ingresso na graduação e como seus horizontes de compreensão acerca da profissão se modificaram ou não ao longo dos seus percursos formativos, tendo em vista as experiências de vida e formação proporcionadas pela Universidade. Este estudo – de caráter teórico-empírico e de natureza qualitativa –, é consequência do projeto de pesquisa intitulado *A travessia da formação em Jornalismo: narrativas de vida e experiência em curso*, uma pesquisa-formação heterobiográfica desenvolvida com e a partir do método (auto)biográfico ou das histórias de vida, sob coordenação da Prof.^a Dr.^a Élica Luiza Paiva.

Tal projeto, iniciado em 2017, tem como objetivo maior compreender como acontece a formação dos alunos do curso de Jornalismo da UESB, considerando a matriz curricular vigente nesse ano e a participação desses alunos e dos professores que lecionam no curso como construtores cotidianos do currículo. O recorte temático para

a abordagem aqui proposta foi feita com base nas narrativas de formação compartilhadas por alunos da referida graduação por meio das duas técnicas de pesquisa adotadas pelo projeto: a entrevista e o grupo focal. Já as compreensões tecidas ao longo deste artigo são embasadas, metodologicamente, pelas hermenêuticas filosóficas gadamerianas.

2 SOBRE UMA PROFISSÃO “AMBÍGUA E DE DIFÍCIL DEFINIÇÃO”

Em 7 de outubro de 1996, um dos mais famosos jornalistas e escritores da América Latina, Gabriel García Márquez, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, afirmou que “talvez a desgraça das faculdades de Comunicação Social seja ensinar muitas coisas úteis para a profissão [jornalística], porém muito pouco da profissão propriamente dita”. Segundo o autor de “Cem anos de solidão”, ninguém que não tenha nascido para o jornalismo e que não esteja disposto a viver só para isso poderia persistir numa profissão que ele definiu como “tão incompreensível e voraz”.

Em um país como o Brasil, onde o diploma não é requisito obrigatório para o exercício do jornalismo, a crítica de Márquez continua válida, sobretudo se considerarmos que, no ensino universitário, a reflexão acerca do fazer jornalístico e da profissão em si é tão importante quanto a aprendizagem de técnicas e métodos de trabalho. Para João Correia (1998), é redutor confinar a formação dos profissionais de jornalismo aos meros saberes técnicos, já que, segundo ele, as decisões dos cidadãos são cada vez mais influenciadas e até condicionadas pela mídia.

Ruellan (1997, p. 124 apud PEREIRA, 2004, p. 2-3) explica que o jornalismo “não é uma profissão fechada, de fronteiras estabelecidas (...). Ele se move dentro de um espaço de limites fluidos, de práticas híbridas, às margens de áreas vizinhas que lhe transferem algumas práticas e concepções, e recebem dele em troca”. Sheila Accioly (2007), por sua vez, afirma que o jornalismo se constitui como profissão em meio a construção histórica de um discurso do qual participaram gerações de profissionais em busca de legitimação e reconhecimento. Para a autora:

[...] antes de ser técnica, o jornalismo é ideal. Emanava, portanto, como produto de uma matriz imaginária compartilhada que tem inspirado os jornalistas ao longo da história. As crenças, traduzidas no ideário, constituem não apenas a essência filosófica do jornalismo e sua história, mas também as narrativas de identidade. (ACCIOLY, 2007, p. 1)

Desse modo, é possível afirmar que o conhecimento profundo acerca do nosso próprio campo profissional não nos chega imediatamente após o ingresso na graduação em Jornalismo, ou até mesmo com a aquisição do diploma de jornalista. Assim como o é a nossa formação, o processo de aquisição de conhecimentos é contínuo e ininterrupto e está diretamente imbricado às múltiplas experiências que integram nossa trajetória de vida. E é nesse percurso que acontece a construção autobiográfica por meio da qual não só ampliamos os saberes sobre a nossa profissão como também a incorporamos à nossa história de vida. “Cada experiência encontra seu lugar e adquire seu sentido no seio da forma pela qual o homem representa, para si mesmo, o curso de sua vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 58).

A passagem pela universidade, reconhecendo-a enquanto espaço de aprendizagem e socialização de saberes, nesse sentido, representa uma importante etapa nesse processo. Para Fábio Henrique Pereira, Janara Sousa e Dione Oliveira Moura (2014), é o período no qual a cultura jornalística (ou os valores inerentes à profissão), assim como a autoimagem profissional, é negociada (adquirida, refutada, transformada) pelos alunos.

A particularidade da universidade reside no fato de oferecer uma experiência relativamente comum a todos os participantes, considerando-se as distinções entre currículos, disciplinas e a própria trajetória dos estudantes. Nesse momento, aspectos da cultura jornalística aparecem mesclados à cultura acadêmica. Por um lado, busca-se antecipar elementos da prática profissional e das rotinas das redações, reforçando mitos e enfatizando um conjunto de competências técnicas (...), que preparariam o futuro jornalista para o mercado de trabalho. Por outro, a experiência na universidade vai além da simples formação de quadros para as redações jornalísticas. As interações que os estudantes estabelecem com os colegas e professores diferem das interações entre os pares jornalistas. A própria definição do jornalismo é interiorizada de forma distinta e, em vários momentos, adota-se uma perspectiva mais crítica sobre a prática profissional. (PEREIRA; SOUSA; MOURA, 2014, p. 50-51)

A ideia de “negociar” exposta pelos autores demonstra que aquilo que os estudantes passam a conhecer sobre o fazer jornalístico em seus percursos formativos na graduação pode ou não coincidir com o que já sabiam acerca da área, sobretudo com o ideário imaginado para a profissão, motivando possíveis mudanças ou ampliação dos

sentidos aos quais atribuíam a ela anteriormente. Como aponta Pierre Dominicé (2010, p. 83), “não há formação sem modificação, mesmo que muito parcial, de um sistema de referências ou de um modo de funcionamento”.

Essas mudanças, por sua vez, não deixam de perpassar o contato tido pelos alunos com as diferentes visões (ou discursos) sobre o fazer jornalístico que lhes são apresentadas durante a sua formação. As próprias palavras de Gabriel García Márquez citadas no início desta seção, ditas por ele em discurso proferido na 52ª Associação da Sociedade Interamericana de Imprensa, ocorrida em Los Angeles (EUA), podem servir como exemplo de parte de um discurso sobre o fazer jornalístico que pode vir a ter um potencial de influência ou interferência na visão que um aluno que acaba de ingressar em um curso de Jornalismo possui a respeito desse mesmo aspecto. É válido destacar, inclusive, que esse discurso do escritor foi transcrito e traduzido para o português, sendo utilizado recorrentemente em diversas faculdades de Jornalismo no Brasil, sob o título de *A melhor profissão do mundo*. São exemplos como esse que podem ajudar a reforçar ou romper o ideário e as diversas concepções existentes sobre o jornalismo, que, segundo Fábio Henrique Pereira (2004, p. 2), é uma profissão tão “ambígua e de difícil definição”.

3 O IMAGINÁRIO QUE CERCA O FAZER JORNALÍSTICO

As diversas representações que encarnam o ideário imaginado para e sobre a profissão jornalística ou mesmo o imaginário acerca da formação universitária do profissional dessa área estão associadas diretamente ao contato tido pelo sujeito em formação com a cultura profissional do jornalismo e, mais especificamente, com o seu *modus operandi*. De acordo com Pereira, Sousa e Moura (2014), esse contato, que geralmente é anterior ao ingresso no ensino superior e à entrada no mercado de trabalho, se dá sob dois aspectos: o primeiro está ligado às experiências dos alunos com a mídia, enquanto consumidores/receptores de informações ou conteúdo; o segundo aspecto se relaciona com as motivações que resultaram na escolha da profissão (vocação, referências familiares ou no próprio jornalismo, etc.).

É importante ressaltar que, ao se constituir como o principal lugar de visibilidade das práticas profissionais que permeiam o fazer jornalístico e, sobretudo, pela sua capacidade de se autorreferenciar, a mídia se torna a maior provedora dos discursos que circundam o senso comum estabelecido acerca do jornalismo. Constantemente, ideais

fundamentais da profissão como os de verdade, imparcialidade, responsabilidade social e justiça são reforçados nos principais jornais televisionados do país, por exemplo. Para Ruellan (1997, p. 156 apud TRAQUINA, 2012, p. 124), isso demonstra que os jornalistas buscam “partilhar a ideia da sua importância social e política (...), da necessidade de lhes conferir urgentemente um estatuto, um domínio parcial do seu destino e finalmente o reconhecimento de uma posição reconhecida, para não dizer privilegiada”.

Ganha respaldo, nesse sentido, a concepção romântica do jornalismo, que o identifica como instrumento de defesa dos valores democráticos e confere ao jornalista uma aura de herói, de defensor da justiça social e do interesse público, dotado do dever de formar e informar bem a população, o que, não raramente, é posto como uma missão. Nesse sentido, ele estaria alheio aos interesses que não fossem unicamente aqueles que visassem o bem comum.

No papel de “guardião do poder”, as relações assentam (...) numa postura de desconfiança e numa cultura claramente adversarial entre o jornalismo e poder político. No “tipo ideal” esboçado, os membros desta comunidade interpretativa são pessoas comprometidas com os valores da profissão em que agem de forma desinteressada fornecendo informação, ao serviço da opinião pública, e em constante vigilância na defesa da liberdade e da própria democracia. (TRAQUINA, 2012, p. 131)

Esse “agir desinteressado” apontado por Traquina está ligado ao ideal de objetividade da profissão, que, para Pereira (2004), é subjacente à imagem do jornalista como mediador neutro, distante ou até mesmo superior aos jogos de interesse da sociedade. “Ou seja, sob a égide da objetividade, o repórter projeta a imagem de herói solitário, comprometido apenas com o interesse público e a transparência democrática” (PEREIRA, 2004, p. 8).

O autor, que desenvolve estudo sobre a imagem do jornalismo enquanto profissão diante da sociedade, afirma, entretanto, que a consolidação do que ele chama de “jornalismo de mercado”, responsável por radicalizar o caráter mercantil da imprensa, colocou em cheque todo o ideal romântico que permeia a profissão. Na lógica de mercado, o jornalista passa a ser identificado, cada vez mais, como “simples operário de um sistema de produção taylorizado” (PEREIRA, 2004, p. 10), em consonância com o declínio do ideal de objetividade.

Nesse sentido, chegamos a duas visões antagônicas do jornalismo, que são apontadas por Sandra Marinho (2006 apud ALMEIDA, 2011) em estudo de caso sobre o ensino dessa área. Ambas visões são colocadas pela autora como reducionistas, sobretudo quando se observa o modo polarizado a partir do qual elas são identificadas nas escolas de Jornalismo: a primeira circunscreve o campo jornalístico à noção de serviço público, enquanto que a segunda o vincula exclusivamente a uma noção mercadológica:

(...) o modelo de serviço público é aquele que tem sido teorizado e é tomado por referência quando se equaciona o papel do jornalismo e dos jornalistas, enquanto que o modelo de mercado é, de facto, aquele que é exercido, sem que isto se traduza em reflexão sobre os fundamentos da prática de um jornalismo voltado para o mercado (MARINHO, 2006, p. 4 apud ALMEIDA, 2011, p. 5).

Pereira (2004) aponta uma terceira visão sobre o papel do jornalista na sociedade, que o coloca na categoria de intelectual, uma espécie de detentor de uma multiplicidade de conhecimentos. Segundo esse autor, “o jornalista nunca deixou de produzir um trabalho intelectual. Mas foi a partir de um processo de redistribuição da função intelectual na sociedade que ele atingiu esse status” (PEREIRA, 2004, p. 13).

Um outro discurso, segundo Kunczik (2002), que se assemelha à visão do jornalista enquanto intelectual, é o papel educativo atribuído à profissão. O ponto de partida para isso, de acordo com Donsbach (1982, p. 59 apud KUNCZIK, 2002, p. 101), é “a suposição de que os jornalistas detêm mais informações e são mais capazes que as outras pessoas de chegar a percepções politicamente racionais”. Já para Neveu (2001 apud PEREIRA, 2004), essa visão seria resultado da ideia de que o jornalista seria responsável por conferir uma certa clareza ao caos dos acontecimentos.

Juntos, esses dois papéis – de intelectual e de educador – atribuídos ao jornalista contribuem fortemente para a formulação do prestígio da profissão perante à sociedade. Apesar disso, Kunczik (2002) ressalta que são poucos os que sabem que um bom jornalismo exige tanta ‘inteligência’ como qualquer façanha de erudito. “Quase nunca se reconhece que (...) o sentido dessa responsabilidade não é (...) menor que a de um erudito, porque o que se recorda naturalmente são as ações dos jornalistas irresponsáveis e suas consequências não raro pungentes” (KUNCZIK, 2002, p. 101).

Muito do que descobrimos e aprendemos sobre e com o jornalismo perpassa a formação universitária. E, dentro do universo acadêmico, são diversos os fatores que influenciam a desconstrução de discursos típicos do senso comum acerca do fazer jornalístico; ou ainda, que nos tornam aptos a compreendermos e a também empregarmos teorias capazes de fundamentar novas ressignificações acerca dessa profissão. Tudo isso, por sua vez, atravessa o caráter formador das experiências que vivenciamos na graduação.

4 FORMAÇÃO E (DES)CONSTRUÇÃO DE DISCURSOS ACERCA DO JORNALISMO

Segundo Cleide Figueiredo Leitão (2004), o processo de formação está diretamente ligado à capacidade do sujeito de se apropriar de conhecimentos proporcionados pelas experiências que vivencia ao longo da sua vida a partir das relações que estabelece com outros indivíduos, em diferentes espaços. Reside nisso, a “busca de um sentido que, em vez de superpor saberes, favoreça que os saberes de cada um se alarguem a partir de outros entendimentos e apropriações” (LEITÃO, 2004, p. 27). Tal perspectiva aproxima o processo de formação da noção de “fusão de horizontes” proposta por Gadamer (1997), que é identificada pelo autor como aquilo que possibilita ao sujeito chegar a uma determinada compreensão ou entendimento com e a partir dos seus preconceitos e do diálogo com um Outro, o que, conseqüentemente, é formativo.

O termo “horizonte”, nesse sentido, segundo Chris Lawn (2007), representa um ponto de vista sob o qual o indivíduo vê o mundo, formado na medida em que ele adquire a capacidade de usar a linguagem, como resultado do processo de aculturação. Assim, Lawn (2007) afirma que a “fusão” aconteceria quando o horizonte de um sujeito é colocado em contato com o horizonte de um Outro (ou Outros) sujeito(s), fundindo-se, ao invés de se obliterarem. Podemos considerar, portanto, que o que Leitão (2004) coloca como aspecto-chave do conceito de formação é, justamente, a fusão de horizontes, até mesmo porque, como afirma Marie-Christine Josso (2004, p. 38), “os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades”.

Ao considerar, ainda, essa perspectiva gadameriana apontada por Lawn (2007, p. 92) e ressaltar a afirmação do autor de que o horizonte não é fixo, por estar “constantemente mudando e modificando, pouco a pouco, com o passar do tempo (...) por

um processo de expansão”, podemos dizer que a forma como vemos ou entendemos o jornalismo enquadra-se na concepção de horizonte formulada por Gadamer (1997), o que, conseqüentemente, torna essa visão ou entendimento suscetível a modificações durante o nosso percurso formativo na medida em que nele, vivenciamos, em um movimento contínuo, diversas fusões de horizontes, advindas seja das relações que estabelecemos com professores, com colegas ou até mesmo do contato tido com textos de caráter teórico.

Essas fusões de horizontes, por sua vez, possibilitam o que Gadamer (1997) denomina de “experiência hermenêutica”, que, segundo Lawn (2007), é aquela que possui como caráter essencial a não repetitividade, ou seja, é responsável por nos levar a uma direção oposta à repetição, e que pode nos impedir, por exemplo, de continuar a reproduzir discursos típicos do senso comum acerca da nossa profissão após o período de graduação. A dimensão hermenêutica aqui exposta, portanto, está na troca de impressões e no “compartilhamento de ideias (...) que vão surgindo na medida em que (sic) o diálogo flui e as posições diferentes devem ser aceitas como instrumentos de interpretação e compreensão (...) da diversidade de visões de mundo” (BRITO *et al.*, 2007, p. 11). Por isso, como aponta Leitão (2004, p. 33):

Os espaços da formação são múltiplos, como o são as redes de saberes existentes no nosso vasto e complexo mundo, saberes que circulam entre as pessoas, interagindo e sendo apropriados segundo os usos e os significados a eles atribuídos por cada um. Esses saberes compõem uma tessitura indissociável, que se expressa no que somos e no que fazemos, perpassando tanto nossas identidades como as práticas com as quais estamos envolvidos. E a formação, inesgotável, incompleta, inacabada, vai dando-se a partir das múltiplas relações entre as pessoas envolvidas, entre os seus saberes, valores, desejos, sentimentos, entre o que é vivenciado, modificado, apropriado, recriado, criado. Confrontando e ampliando as redes de saberes já existentes.

Considerando essa multiplicidade de espaços formativos, Dominicé (2010) afirma que a formação se assemelha a um processo de socialização, em que diferentes contextos de vida social – como o familiar, o escolar e o profissional – se constituem enquanto lugares de regulação de processos mais específicos que se emaranham uns aos outros, dando uma forma original ou singular a cada história de vida, que, segundo ele, reconhecemos como identidade. No ambiente escolar (incluindo aqui, também, o meio

acadêmico), a sala de aula é o espaço central desses processos, pois é onde o sujeito vivencia incontáveis experiências formativas e, por esse mesmo motivo, é o lugar onde a (des)construção de discursos acerca do fazer jornalístico pode ser percebida com maior evidência. Para Delory-Momberger (2008, p. 136-137), “a ‘sala de aula’ é um lugar excepcional de demonstração, encontro, negociação, atritos, conciliação e enfrentamento entre figuras de si que ali se compõe e se recompõem de acordo com os acontecimentos e as relações”.

No meio acadêmico como um todo, isso se amplia ainda mais, pois, de acordo com Pereira *et al.* (2014), por se constituir como um ponto de encontro entre diferentes culturas – a acadêmica, a profissional, a política, etc. –, ficam mais evidentes as possibilidades múltiplas de representação do jornalismo e do jornalista em si. E a forma com que nos apropriamos dessas representações afeta diretamente a construção da nossa identidade profissional em nossos percursos formativos.

Por isso, analisar as narrativas de histórias de vida centradas na formação de estudantes do curso de Jornalismo da UESB é fundamental para perceber a forma como eles viam ou compreendiam o fazer jornalístico antes da graduação e como isso se alterou ou não ao longo de seus percursos na universidade.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (JOSSO, 2007, p. 414-415)

Como a própria denominação indica, as narrativas de formação têm o intuito de fazer com que o sujeito descreva ou fale das suas experiências de formação, constituindo-se, desse modo, como parte intrínseca da narrativa de vida, não se desassociando dessa de maneira alguma, o que as inscreve, portanto, dentro do método (auto)biográfico. “No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referências e organizá-las numa coerência narrativa” (JOSSO, 2004, p. 39). É o método (auto)biográfico, por meio do qual emergem

narrativas de formação, que “possibilita pensar na prática de uma pesquisa-formação em um espaço formativo que é o cotidiano da sala de aula do curso de Jornalismo da UESB” (PAIVA, 2017, p. 5).

5 UM OLHAR SOBRE DISCENTES E EGRESSOS DO CURSO DE JORNALISMO DA UESB

O curso de Jornalismo da UESB foi implantado no campus da cidade de Vitória da Conquista em 1997 e, desde 1998, segue ativo na Universidade. A matriz curricular da qual pertenceram os estudantes e egressos pesquisados é de 2013, mesmo ano em que foi promulgada a Resolução que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em Jornalismo (DCNJ), fazendo com que essa última deixe de ser uma habilitação da Comunicação Social.

Porém, o curso deu início ao processo de adequação às novas diretrizes curriculares em 2016. Nesse ano, começou a ser pensada uma nova matriz curricular para a graduação. No ano seguinte, a mudança da estrutura curricular foi aprovada e, somente em 2018, ingressaram os primeiros alunos que obterão o diploma com o grau de bacharel em Jornalismo e não mais em Comunicação Social, conforme estabelecia a antiga matriz.

Seguindo a premissa do projeto de pesquisa “A travessia da formação em Jornalismo: narrativas de vida e experiência em curso” – do qual este artigo foi originado –, não temos a intenção de discutir a referida mudança curricular, mas estudar o recorte temático proposto considerando a matriz de Comunicação Social, da qual fizeram parte os alunos e ex-alunos pesquisados.

A pesquisa teve início em fevereiro de 2017. Nas duas primeiras semanas do referido mês, foi realizada a mobilização de alunos e egressos do curso para participarem ou das entrevistas ou do grupo focal, técnicas de coleta de dados adotadas pelo projeto com o intuito de instigar os pesquisados a construir suas narrativas de formação. É importante ressaltar que a ação de mobilizar aqui é compreendida não só como o trabalho de selecionar indivíduos para a realização da pesquisa, como também estimulá-los a narrativizarem a sua história no curso de Jornalismo da UESB.

Foram selecionados, de acordo com o critério de maior pré-disposição, três alunos de cada semestre, além de seis egressos, para serem entrevistados. As entrevistas ocorreram entre a última semana de fevereiro e a primeira metade de março de 2017.

Em prol dos objetivos do projeto maior, que buscava compreender como acontece a formação em Jornalismo na UESB, foram realizadas entrevistas também com professores. Mas para este artigo, foram consideradas como objetos de análise apenas as narrativas de formação dos estudantes e ex-estudantes, obtidas por meio das entrevistas.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e em vídeo e, posteriormente, transcritas. O surgimento da questão-problema que norteia este estudo se deu durante o próprio transcurso da pesquisa, quando percebemos, em algumas das narrativas dos alunos e egressos pesquisados, que a visão que alguns deles possuíam sobre o fazer jornalístico antes do ingresso na graduação havia sofrido mudanças, estas, por sua vez, advindas com e a partir das suas experiências de formação. Entre as 18 pessoas pesquisadas, 13 narraram algo direta ou indiretamente relacionado a esse assunto.

Houve uma primeira associação direta, feita por três dos entrevistados, entre o fazer jornalístico e a prática da escrita. O ato de escrever ou construir textos, seja para serem lidos (mídia impressa ou digital) ou falados (no caso do tele, do rádio e do webjornalismo), nesse sentido, era o que norteava a forma com que esses pesquisados viam a profissão jornalística antes de ingressarem no curso ou o que ainda norteia essa visão, como expressado na fala da **Aluna A**: “O jornalismo é todo sobre a escrita, não interessa a área que você esteja trabalhando, você vai ter que escrever bastante”.

Essa relação entre escrita e prática jornalística, ao mesmo tempo, foi para esses entrevistados o fator fundamental que motivou a escolha pelo Jornalismo, algo que pode claramente ser percebido em suas narrativas:

Ex-aluno A: Jornalismo é uma coisa que [eu] não pensava [em fazer]. Antes, eu pensava em fazer Arquitetura. (...) Só que aí uma vez eu fiz uma redação que ficou bacana, aí um professor de Geografia falou que eu escrevia muito bem. Aí já me empolgou. Aí eu continuei escrevendo e o pessoal elogiava minhas redações. Aí eu decidi fazer alguma coisa relacionada à escrita né, aí eu decidi fazer Jornalismo, e sempre quis Jornalismo Impresso, né.

Percebe-se que a competência de saber escrever bem é tido por esses pesquisados como uma característica fundamental do jornalista.

Pesquisador X: E você escolheu jornalismo por quê? **Aluno B:** (...) basicamente, a única coisa que eu sabia que eu sabia fazer mesmo era escrever, e aí a única profissão que eu achei que pudesse exercer de alguma forma era o jornalismo.

A visão do jornalista enquanto um contador de histórias esteve presente na narrativa do **Aluno C**. Nesse caso, ao associar essa visão da profissão com uma característica pessoal, pela qual, inclusive, era conhecido por outras pessoas com quem convivia, ele se sentiu motivado a cursar Jornalismo. Mas, assim como outros entrevistados, o **Aluno C** contou que, logo após o ingresso no curso (primeiro e segundo semestres), ele encontrou uma realidade muito diferente da que ele imaginava para o currículo do curso:

Eu nunca imaginava que iria estudar Filosofia, Sociologia e etc. e tal. Eu achava que eu iria estudar mais coisas voltadas para a área de jornalismo, que eu já ia pegar [Oficina de Jornalismo] Impresso I, [Oficina de] Tele I, tudo voltado para o curso, entendeu? Então, quando eu cheguei que eu me deparei com Filosofia, Sociologia e outras disciplinas, eu pensei: “Pra que isso?” Só que aí depois eu fui entender que é mais (...) para a gente entender (...) a sociedade que a gente tá vivendo. Então, precisa-se estudar a Sociologia, a Filosofia. Mas isso eu fui aprender depois. Não durante o primeiro semestre.

A visão do jornalista em ação, no dia a dia da sua prática profissional, contribui fortemente para formar algumas das representações sociais que permeiam o nosso campo. É comum que haja, nesse sentido, uma expectativa por parte de alguns estudantes de que, logo após ingressarem na universidade, experimentem as rotinas e o cotidiano da profissão.

Aluno D: Primeiro e segundo semestre a gente sempre tem aquele baque: a gente acha que vai chegar no curso de jornalismo pegando uma câmera (...) e vamos sair e entrevistar o povo, e a gente sabe que não é assim, até por conta de uma questão estrutural de precisar aprender teoria. A gente precisa se formar, também, na teoria.

Esse confronto entre o universo de expectativas criadas pelos alunos acerca da formação e a realidade que se apresenta no momento em que ingressam no curso constitui-se também como um movimento formativo. Isso porque, à medida em que avançam em seus percursos na Universidade, gradativamente, eles têm a chance de compreender os porquês que norteiam a construção ou concepção do currículo do curso no qual eles estão inseridos.

Quando mudamos o modo de perceber e deslocamos a compreensão para o que ocorre e como ocorrem as práticas educativas, para as relações entre os principais envolvidos, para o que produzem de sentidos e significados, para as formas de produção, reprodução, criação e recriação dessas práticas, para o que o processo produz – apesar de todas as adversidades, todas as faltas e ausências, tudo o que ainda há para conquistar, seja em termos de condições para o desempenho da função, seja no necessário investimento em processos de formação/autoformação –, nos surpreendemos com a criatividade, as alternativas e as riquezas que, junto às ausências, estão presentes no cotidiano educativo. (LEITÃO, 2004, p. 27)

Tal movimento formativo pode ser percebido nas falas de dois dos egressos entrevistados:

Ex-aluno B: Você vai chegando no curso e se depara com as matérias mais gerais, né? E depois esse caminho vai se estreitando (...) para você se aprofundar no Jornalismo (...). Essa parte teórica que a gente realmente precisava (...) contribui e muito para [a] formação, para sua formação enquanto um bom profissional mesmo, atento às questões sociais, atento ao seu papel, né, na sociedade.

Ex-aluno C: É mais ou menos quando a gente começa a pegar Oficina de Imprensa, é quando a gente começa a pegar – dentro da grade que eu peguei né – as oficinas do curso, a disciplina de Gêneros Jornalísticos, a disciplina de Comunicação e Legislação, Comunicação e Ética, a gente começa a olhar um pouco mais para a realidade do jornalismo em si, e o que me encantou no curso de Comunicação Social foi o jornalismo, de fato.

Nas narrativas de muitos dos entrevistados, principalmente dos egressos, a percepção do papel do jornalismo ou do jornalista na sociedade se aproximou bastante do viés idealista da profissão, que, teoricamente, está no cerne de sua função social, considerando a sua ligação com a teoria democrática apontada por Traquina (2012). Essa visão romântica acerca do jornalismo, na qual o sujeito profissional é identificado como um guardião ou defensor dos interesses da sociedade, pôde ser percebida nas falas de diversos pesquisados. Alguns deles, cultivavam essa visão antes de ingressarem no curso de Jornalismo da UESB:

A (des)construção do imaginário que cerca o fazer jornalístico no percurso formativo de estudantes de Jornalismo da UESB

Ex-aluno A: (...) o jornalismo, eu pensava como um meio social mesmo de ajudar as pessoas a buscarem algo de útil para sua vida (...). Eu sempre pensei em fazer algo que as pessoas pudessem a partir dali, buscar não só um conhecimento, [mas] algo prático pra a vida dela né... Tipo, uma matéria de denúncia serve para alertar; uma matéria sobre história serve para conhecimento; sobre saúde... que a pessoa às vezes está sem saber o que faz, aí lê uma matéria lá e já tem um encaminhamento...

Outros entrevistados passaram a enxergar o jornalismo de acordo com essa visão idealista depois do ingresso na graduação:

Aluno C: Depois que vim para cá eu mudei minha forma de ver o jornalismo. Hoje eu vejo como uma forma de prestação de serviço à comunidade. Acredito que as pessoas têm que se manter informadas, tem que buscar informação, tem que duvidar daquela informação também, buscar outros meios de ver aquela informação. Eu acho que o jornalismo está aí para isso.

Aluno E: Eu acho que a gente tem uma função muito legal dentro da sociedade (...) para a vida, das pessoas, entendeu? Eu consigo gostar do jornalismo, principalmente porque assim, tem questões que a gente precisa melhorar, e eu acredito que (...) quem pode dar o ponta pé é o jornalista (...). Você pode melhorar uma situação, eu acho que isso é muito gratificante, eu acho que isso que está... eu acho que esse que é o *glamour* da nossa profissão. A gente poder ajudar as pessoas, a gente poder ajudar a melhorar uma sociedade.

Em uma outra fala, essa aura de herói atribuída ao jornalista aproxima-o da perspectiva de um possível papel educativo que ele desempenharia, atrelado à noção de “esclarecimento”: **Ex-aluno D:** (...) o objetivo é esse. É de tentar... é de denunciar o que está acontecendo... de tentar formar (...). Então, a gente tenta fazer o papel de esclarecer”.

Um outro aspecto que pôde ser percebido nas narrativas dos entrevistados é como o percurso individual e o processo formativo de cada estudante contribui diretamente para construções muitas vezes distintas sobre a forma com que eles compreendem a prática jornalística e sobre a maneira pela qual os valores da profissão se inscrevem ou se incorporam em suas histórias de vida, permitindo que eles se reconheçam enquanto indivíduos e enquanto profissionais.

A (des)construção do imaginário que cerca o fazer jornalístico no percurso formativo de estudantes de Jornalismo da UESB

Essa experiência biográfica cumulativa é igualmente o lugar de experiência e de produção da *identidade do eu*. O *eu* se experimenta como idêntico a ele mesmo na medida em que se reconhece como instância única da reinterpretação de figuras sucessivas da vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 58)

As experiências em locais fora da sala de aula durante o percurso formativo também interferem nesse processo:

Pesquisador Y: Por que você se encontrou no jornalismo sindical? O que te chamou atenção nele? **Ex-aluno D:** Aí também tem um pouco da minha trajetória dentro da própria universidade, né, que era... é... logo no primeiro semestre, ia acontecer um encontro regional dos estudantes de Comunicação aqui na Uesb e o pessoal tinha o C.A. [Centro Acadêmico], que na época era muito ativo, e eles chamavam a gente pra construir o encontro. E aí eu comecei a participar, né, dessas discussões e tal, desde o primeiro semestre, e fui até me formar. E aí, inclusive, por ter essa trajetória de militância, que foi que o pessoal da ADUSB [Associação dos Docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia] me chamou para estagiar lá (...). E como já tinha (...) essa discussão sobre "comunicação hegemônica", de como é a comunicação da classe trabalhadora, enfim, eu acabei me aproximando desse outro jornalismo, desse jornalismo sindical, jornalismo popular, e me encontrei porque é uma coisa que eu acredito. Eu acredito em luta de classes, eu acredito em revolução, que hoje, né, é uma coisa tão... uma visão tão criminalizada mesmo.

39

A experiência com o Outro, considerando-se aqui a ideia gadameriana de fusão de horizontes, também pôde ser percebida em algumas narrativas como processo que influencia na construção e desconstrução do modo como os alunos compreendem o jornalismo:

Ex-aluno C: A gente fez uma semana de comunicação que eu lembro que a gente tentou se preocupar bastante em colocar como foco estudar e discutir o jornalismo, e aí veio um professor pra cá, Fernando Torres, do Extra, e aí ele contou a realidade dele como era (...). Ele era assessor do Fluminense, mas ele veio pra falar da carreira dele no Extra. E aí foi muito interessante ver assim um jornalista mesmo contando sua trajetória, hora dizendo como foi vários furos que ele fez, como foram várias matérias que ele fez. Eu fui me encantando e fui percebendo, assim, que o jornalismo tem um caráter transformador, e o

que me interessa desde pequeno são questões assim de transformar a sociedade, mudar as injustiças que eu vejo, fazer com que as coisas fiquem melhor e, por muito tempo, eu achava que a comunicação não dava conta disso.

Como aponta Delory-Momberger (2008, p. 60), “a maneira como é recebido o discurso do outro não pode ser abstraída do horizonte de expectativas, de projetos e de interesses de quem o recebe”. Dessa forma, o professor também assume um papel central no processo de construção da visão do aluno sobre o fazer jornalístico, pois ele é responsável não só por transmitir discursos científicos ou conhecimentos sobre esse campo, por meio da exposição de teorias e da realização de discussões em sala de aula, como também por passar aos alunos a sua própria forma de ver o jornalismo, seja essa baseada em sua experiência enquanto profissional ou apoiada nas teorizações em que acredita. “**Aluno F:** (...) acontece definitivamente quando o professor fala sobre ele, especialmente sobre as experiências que ele já teve no mundo acadêmico ou trabalhando como jornalista”. Isso, inclusive, foi perceptível em mais de uma entrevista: “**Aluno G:** Teve vários professores que falaram coisas que eu nunca teria pensado por mim mesma, que eu não enxergava”.

É importante ressaltar, nesse sentido, que um dos aspectos fundamentais da formação é o seu poder de provocar a ampliação do nosso olhar sobre o mundo e sobre o Outro. “**Aluno H:** Antes eu lia uma revista com um olhar totalmente diferente. Hoje eu sei que o que está ali tem uma coisa por trás muito grande, a raiz é muito maior do que aquelas folhas que a gente está vendo”. Dessa forma, é possível perceber que um dos objetivos centrais da formação em Jornalismo é ampliar a forma com que o sujeito em formação compreende ou enxerga a sua futura profissão e a sua práxis cotidiana, entendendo suas diversas nuances e conseguindo perceber o papel dela (ou papéis) na sua história de vida e na história de vida de outros indivíduos dentro da sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levarmos em consideração o fato de que o movimento de formação humana é contínuo e ininterrupto, podemos afirmar que a visão que temos do mundo e de nós mesmos está em constante processo de mudança ou, ainda, de expansão, já que esse movimento formativo perpassa pela resignificação dos diversos sentidos que atribuímos às coisas e pelas representações que construímos, por meio das experiências vivi-

das. Ao identificar as diversas visões acerca do fazer jornalístico que compõem o imaginário social, é preciso entender que elas se tratam de representações historicamente construídas, estando firmadas, principalmente, em uma memória coletiva.

No processo de formação, ao entrarem em contato com diversas outras formas de ver e compreender a profissão jornalística e o jornalismo em si, ou seja, no dar-se a conhecer, os alunos estão sujeitos a reconstruírem a forma como enxergam o jornalismo e, principalmente, como ele em si, enquanto futura profissão, se aloca na história de vida de cada um.

Foi possível perceber com a pesquisa que o principal elemento catalisador desse processo é a expansão do conjunto de referências de cada indivíduo propiciada pelo processo formativo na universidade. Nesse sentido, entram em jogo inúmeros componentes, entre os quais se destacam a experiência com o Outro, seja aluno ou professor; o arcabouço teórico com o qual o estudante tem contato ao longo da graduação e os contatos iniciais com as rotinas de profissão.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Sheila. O *ethos* agônico no jornalismo potiguar: discursos de identidades. //: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 12., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Regiocom, 2007. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/18/GT1-_03-_O_ethos_agonico_Sheila.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2017.

ALMEIDA, Maria Cristina Rosa de. A formação do jornalista em transição. //: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO DA FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 7., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Interprogramas Cáspes Pesquisa, 2011. Disponível em: <http://administrativocas-per.fcl.com.br/rep_arquivos/2013/07/02/1372779271.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2017.

BRITO, Rosa Mendonça de; *et al.* A hermenêutica e o processo de construção do conhecimento. **Dialógica**, Manaus, v. 1, n. 3, 2007. Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Rosa_Britto_Hermeneutica.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2017.

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. Por uma perspectiva deliberatória do currículo. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 5, p. 137-147, jan/jun, 1996.

CORREIA, João. Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Covilhã: Labcom, 1998. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correiajoao-formacao-universitaria-jornalistas.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. *In*: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 81-95.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre, v. 30, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2741/2088>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul – Manual de Comunicação. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. Buscando caminhos nos processos de formação/autoformação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 27, set./dez., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782004000300003&script=sci_abstract&tlng=es>. Acesso em: 8 set. 2017.

MÁRQUEZ, Gabriel García. A melhor profissão do mundo. **Caros Amigos**, 2013.

PAIVA, Élica Luiza. **A travessia da formação em Jornalismo**: narrativas de vida e experiência em curso. Projeto de pesquisa: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

**A (des)construção do imaginário que cerca o fazer jornalístico
no percurso formativo de estudantes de Jornalismo da UESB**

PEREIRA, Fábio Henrique. Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Covilhã: Labcom, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

_____ ; SOUSA, Janara; MOURA, Dione Oliveira. Valores e cultura profissional dos estudantes de jornalismo em Brasília. **Estudos em Comunicação**, Brasília, n. 17, p. 47-74, 2014. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/17/pdf/n17a03.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012.